

A
FIBRA_{DAS}
NOSSAS
ALMAS

K. M. MORONOVA

TRADUÇÃO · Carolina Ferreira Mendes

Aviso de conteúdo

O teor deste livro pode ser sensível e perturbador para alguns leitores. Trata-se de um *thriller* com elementos de romance negro, cuja leitura se destina apenas a adultos.

Interrompa a leitura desta história se é sensível às seguintes palavras: doença, psicopatia, loucura, sanidade, violência física, cenas de sexo explícito, humor mórbido, sexo com carga emocional negativa, degradação, conteúdo explícito de extrema violência, suicídio e desejo de morrer (por vezes explícito), automutilação e ideação de automutilação (por vezes masoquistas e explícitas), trauma de abuso mental na infância, abuso emocional, cenas de morte explícitas, sessões de terapia traumáticas, fetiche por mordidas, fetiche por dor.

Nota da autora

Este não é um livro de autoajuda. Tudo aqui é moralmente ambíguo e destinado apenas a quem gosta de livros sombrios. Trata-se de uma imersão profunda no mundo das doenças emocionais e mentais feita a partir da minha perspectiva. A depressão e os pensamentos irracionais atingem as pessoas de forma diferente.

Este livro romantiza centros de reabilitação e relações amorosas entre pessoas com problemas mentais.

* * *

Linha SOS Voz Amiga: 213 544 545 / 912 802 669 / 963 524 660

Este livro explora personagens com doenças mentais num centro de reabilitação falso e pouco ortodoxo. Bakersville e o Santuário de Harlow são locais fictícios e, de forma alguma, se baseiam em locais ou instituições reais.

As personagens brincam acerca das suas doenças, menosprezando-as, por vezes. Não leia este livro se for sensível a esta questão. O meu objetivo não é desvalorizar a gravidade destas doenças, mas mostrar como é ter depressão e sofrer de doença mental a partir da minha própria perspectiva e experiência.

Lista de reprodução

- «1-800-273-8255» – Logic ft Alessia Cara, Khalid
 - «Hold on» – Chord Overstreet
(lento/com reverberação)
 - «Happiest Year» – Jaymes Young
(lento/com reverberação)
 - «Dusk till Dawn» – Zayn ft Sia
(lento/com reverberação)
 - «Control» – Zoe Wees
- «Not about angels» – Birdy
- «Slow dancing in a burning room» – John Mayer
- «The night we met» – Lord Huron
 - «Never let me go» – Florence + The Machine
 - «Genius» – LSD
 - «Thunderclouds» – LSD
- «London Calling» por Michael Giacchino
 - «Sirens» – Fleurie
 - «9 crimes» – Damien Rice
 - «Seven devils» – Florence + The Machine
- «For the Damaged Coda» – Blonde Redhead

Para os destroçados que estão a precisar de algo sombrio, mórbido e belo.

Agradecimentos

Obrigada por lerem este livro mórbido e deprimente, e por deixarem a vossa alma vaguear um pouco comigo.

Gostaria de agradecer aos meus leitores por tolerarem as minhas histórias tristes e continuarem a adorá-las. É impossível expressar através de palavras o quanto vos prezo.

Obrigada a todos os que leram o livro antes do seu lançamento pelas maravilhosas críticas! Fico sempre acordada até tarde a lê-las e a chorar, porque é impressionante o jeito que todos vocês têm com as palavras.

Obrigada à Leanne, a minha editora. És sábia, gentil, inteligente e muito perspicaz. Sem ti, não conseguiria fazer estas histórias brilharem.

Gostaria de agradecer ao Jay, que leu a obra antes de ser publicada, por me transmitir sempre a confiança de que preciso. Acreditas nas minhas histórias até quando eu perco a fé.

Obrigada à Cierra, a minha revisora! És o meu porto seguro. Fazes muito mais do que rever e vou sempre encher-te de amor.

Obrigada ao meu marido e aos meus amigos mais próximos, que atuam a minha mente triste e lastimosa.

Por fim, gostaria de agradecer a mim própria. Se este livro me ensinou alguma coisa, foi que temos de gostar de nós próprios. Por isso, agradeço a mim mesma por me ter dedicado de corpo e alma a esta história e ter tido coragem de a partilhar.

Capítulo 1

WYNN

Eu nasci com um mau coração.

No sentido literal e figurativo.

Sou a impiedosa vilã das histórias da maioria dos meus familiares. Ao mesmo tempo, por ironia do destino, tenho um problema cardíaco que acabará por me matar. *Que sorte a minha.*

Se este é o grande plano que Deus tem para mim, tudo bem.

Rendo-me.

O sangue escorre-me pela ponta dos dedos. É mais frio do que pensei. Não é indolor como dizem alguns. Dói e dói muito.

As gotas vermelhas caem sobre os azulejos por baixo de mim, ploc ploc ploc, dificultando-me a concentração. Custa-me lembrar das coisas boas passadas que devia reviver neste momento.

Só as más me vêm à cabeça. As pessoas hediondas e todas as coisas que me disseram; e as que também eu disse.

Quem inventou a frase «palavras leva-as o vento» era um idiota, não acham? As palavras ficam connosco e, de facto, magoam. Obrigada por me tentarem iludir. Não funcionou.

O meu nome é Wynn Coldfox. Tenho vinte e seis anos, e quero morrer.

Eu quero morrer.

Pronto, já disse.

Isso muda alguma coisa?

Será que choca alguém? Será que choca aqueles que sabiam em segredo, mas continuavam a chamar-me coisas como *malvada*, *cabra miserável*, *aberração*?

A resposta é não, é provável que não. Talvez um pouco.

Às vezes, a escuridão que trago cá dentro faz-me pensar que isto é o que eles sempre quiseram: que eu acabasse por ceder.

Bom, sejam bem-vindos ao espetáculo dos horrores.

A cortina vai, enfim, fechar-se.

Nunca haverá maneira de explicar porque é que sou assim. É algo que faz inteiramente parte de mim, que sou por completo. É um poço profundo e vazio na carne que nunca se fecha, mesmo que tente preenchê-lo seja com o que for. Não importa que linha use para coser esse farrapo, ele rasga-se e dá comichão. É como uma saída de emergência que, paciente, espera por qualquer um que esteja perdido.

A minha médica diz que é um desequilíbrio químico no cérebro e, foda-se, se calhar tem razão. Contudo, saber isso não trava o *vazio* extremamente real, que consome todo o meu ser. Os comprimidos não ajudam, nunca ajudaram, e nenhum dos meus terapeutas parece perceber a razão de ter a cabeça tão fodida.

Acham que estou a fingir ou algo do género. Eles que especulem.

Fito o teto liso do quarto de hospital, tentando não olhar para o meu irmão. Já acordei há pelo menos uma hora e desde então que nenhum de nós disse uma palavra.

– Porquê? – pergunta James, por fim, com as mãos cruzadas à sua frente e os nós dos dedos brancos.

Traz vestido um elegante fato azul-marinho. Caro. Também tem no pulso um relógio preto novo. Um mimo de uma nova amante? Uma prenda para si mesmo por ser tão bem-sucedido? Não me dou ao trabalho de perguntar.

– *Não comeses*, James.

Relutante em cruzar o olhar com o seu, respiro fundo, sentando-me na cama.

– Porque é que não podes... não ser *assim*? – pergunta, passando a mão pelo rosto cansado.

Tem os olhos castanhos carregados de dor e raiva.

Sim, porque eu *pedi* para ser assim.

– Já te tentei explicar isto muitas vezes, James. Tu não percebes e nunca vais perceber – murmuro, sem entusiasmo.

Costumava ficar chateada quando ele me pedia que explicasse. Felizmente para aqueles que nunca se sentiram assim, é algo difícil de compreender.

James franze a testa e volta a pôr a mão à frente da boca, pressionando-a contra os lábios. Com os cotovelos apoiados nos joelhos, assume uma postura pensativa e, do canto da sala, fita-me como se fosse um animal desobediente. Abana a cabeça e olha pela janela durante alguns minutos, em silêncio, recostando-se na cadeira azul e foleira que parece demasiado usada e desconfortável. Enterro-me na cama e agarro com força os lençóis, mantendo o meu olhar no dele para não ter de ver os meus pulsos. Doem-me, mas se não os vir, não terei de enfrentar a hedionda realidade. O meu mecanismo de defesa sempre foi evitar as situações. Se não pensar no assunto, este não tem importância. O dia continua.

Cerro os dentes e tento aliviar a tensão que paira entre nós.

– Não precisavas de ter vindo de tão longe.

James odeia hospitais, presumo que por tudo o que envolvem. Os enfermeiros sobrecarregados de trabalho, os quartos cinzentos e sombrios, as insípidas cortinas sem cor sobre as pequenas janelas, o cheiro. A morte que parece impregnada nas paredes.

Para ser mais precisa, James odeia hospitais desde que a nossa mãe morreu.

Ele levanta-se, aproximando-se da cabeceira da cama. Sinto um aperto no coração ao aperceber-me de que está a chorar. Nunca o vira chorar antes, nem uma única vez. James Coldfox é um homem rijo, que esconde os sentimentos e não deixa que ninguém veja as suas fragilidades. Fecha-se profundamente dentro de paredes que foram cimentadas há muito, muito tempo. Contudo, agora, o queixo treme-lhe e agarra-me na mão com delicadeza, enquanto as suas lágrimas me batem na pele.

Desvio o olhar para o chão cinzento e baço desta sala mórbida. Não consigo olhá-lo nos olhos. Sei que o que fiz foi errado.

Só que eu estou tão cansada. Como é que lhe digo que quero dormir para sempre? Numa cama de rosas ou numa maldita urna, tanto se me dá. Em qualquer lado menos aqui.

Estou a arder por dentro e dói.

Só quero parar de sofrer.

Devia ter construído paredes de cimento à minha volta, como ele. Tentei ser vulnerável e amar de forma *estúpida* e irracional. Pergunto-me muitas vezes se seria diferente se não o tivesse feito. Agora, as paredes que me circundam são impenetráveis: ninguém entra e eu não saio.

Com as mãos quentes, James agarra as minhas com carinho e murmura:

– É trabalho? Tu e aquele idiota do Salem acabaram outra vez? O que há de *tão* errado com a tua vida que te faz preferir morrer?

Abana a cabeça e mantém os olhos baixos. Quando não respondo, continua, com a voz trémula:

– Eu adoro-te, Wynn. Tanto, tanto. Quero que saibas isso, está bem? És tudo o que me resta neste mundo.

O trabalho é uma merda, sim. Omito que me despedi há pouco tempo do terceiro emprego que tive este ano.

Os escritórios de grandes empresas são campos de treino para o suicídio. Enfiam-nos num espaço tão pequeno como um cubículo de casa de banho e esperam que floresçamos. *Decorem com algumas plantas e fotografias de família*. Dia após dia, tudo o que fazemos é ouvir pessoas a tossir e depararmo-nos com os seus olhares vazios. Ouvimos dizer que fulano se vai, finalmente, reformar, após a interminável jornada de dedicação de toda a sua vida a uma empresa que o substituirá em duas semanas.

Salem foi só um idiota com quem andei enrolada; e o sexo nem sequer era bom. Traiu-me. Nem sequer me importei. Não quero nada com esse cretino.

Suponho que, quando mais não seja, ser tudo o que resta a James devia ser razão suficiente para tentar melhorar. Mas eu já tentei... tantas vezes, e a tristeza não desaparece. As noites que passo a encarar a escuridão não se iluminam.

– Quero falar contigo sobre a hipótese de te internar num centro de reabilitação – diz James, baixando a cabeça.

Sinto o coração afundar-se-me no estômago.

– Queres pôr-me na porra de uma instituição? – Tento retirar a minha mão da dele, mas James segura-a com firmeza. Levanto os olhos, encontrando os dele, e a minha raiva dissipa-se de imediato com a tristeza que

lhe irradia da alma. Acalmo-me. – Desculpa... Sabes, acho que pode ser uma boa decisão.

Pressiono a palma da outra mão contra a testa, numa tentativa de suprimir a dor de cabeça que me atormenta o crânio.

– É só que... estou *tão* cansada, James.

Ele senta-se ao meu lado, abanando a cabeça.

– Não tens culpa de estar assim... Já passámos por isto tantas vezes, Wynn, mas sabes que mais?

A sua voz torna-se mais firme e ele endireita-se. Passa-lhe pelos olhos um repugnante lampejo de esperança.

– Este centro de reabilitação vai ajudar-te. Tem a maior taxa de sucesso na cura de pessoas como tu – afirma.

«Na cura de pessoas como tu.» *Pessoas. Como. Tu.*

A minha mente é uma praga que tem de ser curada e pessoas como *eu* estão condenadas a perseguir tal misterioso elixir.

Ainda serei eu mesma quando estiver *curada*?

Se ficar curada.

Aceno com a cabeça em sinal de concordância, desejosa de falar de coisas menos deprimentes, como o tempo. Qualquer coisa serve para mudar de assunto, até mesmo o que James faz na grande empresa onde trabalha e que o deixa *tão feliz*. Qualquer um consegue ver que a sua alma está a morrer aos poucos. É isso que a vida real nos faz, não é? Trabalhar, trabalhar, trabalhar durante mais de quarenta horas semanais para depois estarmos no supermercado a fazer contas, a ver se conseguimos pagar a comida.

Contudo, ele parece estar muito melhor do que eu alguma vez estive. Talvez não se preocupe com esse tipo de coisas.

– Então, achas que sempre vais ser promovido?

– O meu chefe disse que é garantido que vou ser promovido no próximo mês...

– Então, meu, a hora de visita já acabou. Desculpe lá, mas vai ter de se ir embora.

Um enfermeiro que traz um saco de soro e algumas toalhas brancas entra e interrompe James. O cabelo preto assenta-lhe na perfeição sobre o belo rosto. Tem o maxilar bem definido e olhos de um azul cativante.

É bonito, mas há qualquer coisa na forma como olha para mim que me inquieta. Não é pena que tem estampada na cara, como os outros enfermeiros têm sempre. A sua expressão é fria, amarga e talvez revele alguma curiosidade.

James revira-lhe os olhos, mas sorri para mim.

– Amanhã volto. Se precisares de alguma coisa, estou na pensão do outro lado da rua, está bem?

Aceno-lhe com a mão de forma displicente.

– Eu fico bem. Aqui não me vão deixar *fazer* nada – brinco, mas James *não* acha piada nenhuma.

Em contrapartida, enquanto fecha as cortinas e pousa as toalhas na pequena mesinha de apoio por debaixo da janela, o enfermeiro ri-se com frieza.

James e eu viramos a cabeça na sua direção. Estou chocada, mas o meu irmão está furioso.

– Acabaste de te rir do estado de saúde da minha irmã? Ela está *doente*, ó otário! – grita, encurralando o enfermeiro no canto do quarto.

Tento impedi-lo e quase caio da cama.

– Para com isso! Eu fiz uma piada e ele riu-se, a culpa não é dele – imploro-lhe.

James aperta a bata do enfermeiro nos punhos e olha para o crachá.

– Bom, a primeira coisa que vou fazer logo de manhã é apresentar uma queixa, *enfermeiro Hull*.

Depois, liberta-o, pede-me desculpa rapidamente e despede-se antes de sair disparado para a receção em vez da saída.

Ótimo. Agora sinto-me uma idiota.

Enquanto substitui o saco de soro, o enfermeiro Hull ri-se baixinho. Ouso observá-lo. O candeeiro da mesa de cabeceira ilumina-lhe o rosto por baixo e vejo os seus olhos azuis pousarem sobre mim enquanto termina o que está a fazer. Quando os nossos olhares se cruzam, respiro fundo. Ele é lindo como o corações. É difícil acreditar que é mesmo enfermeiro. Parece tudo menos um tipo inteligente e prestável.

Por baixo da bata, veste uma camisola preta da *Under Armour*. Pelos pequenos espinhos que lhe vejo gravados no pulso, suponho que a use para cobrir tatuagens. Tem um brinco preto a envolver-lhe a parte superior da